

As escritas de si do *punk*

EVERTON DE OLIVEIRA MORAES*

Resumo

O artigo tem por objetivo discutir e analisar a escrita dos fanzines, entendendo-a como um importante elemento na constituição de subjetividades e sensibilidades punks e como uma prática contestadora do regime contemporâneo de produção de subjetividades. Contestação realizada através de uma constante problematização das próprias condutas, pensamentos e dos significados do punk. Cria-se, desse modo, uma cultura do cuidado de si, da crítica constante de si mesmo através da escrita. Esta escapa ao modelo clássico do militante engajado, mas também as formas pelas quais o discurso exerce, na modernidade, um certo tipo de poder que, ao pretender dizer a verdade sobre as coisas, procurava conjurar qualquer possibilidade do acontecimento dessa escrita se efetuar de outra maneira.

Palavras-chave: punk; escrita; subjetividades.

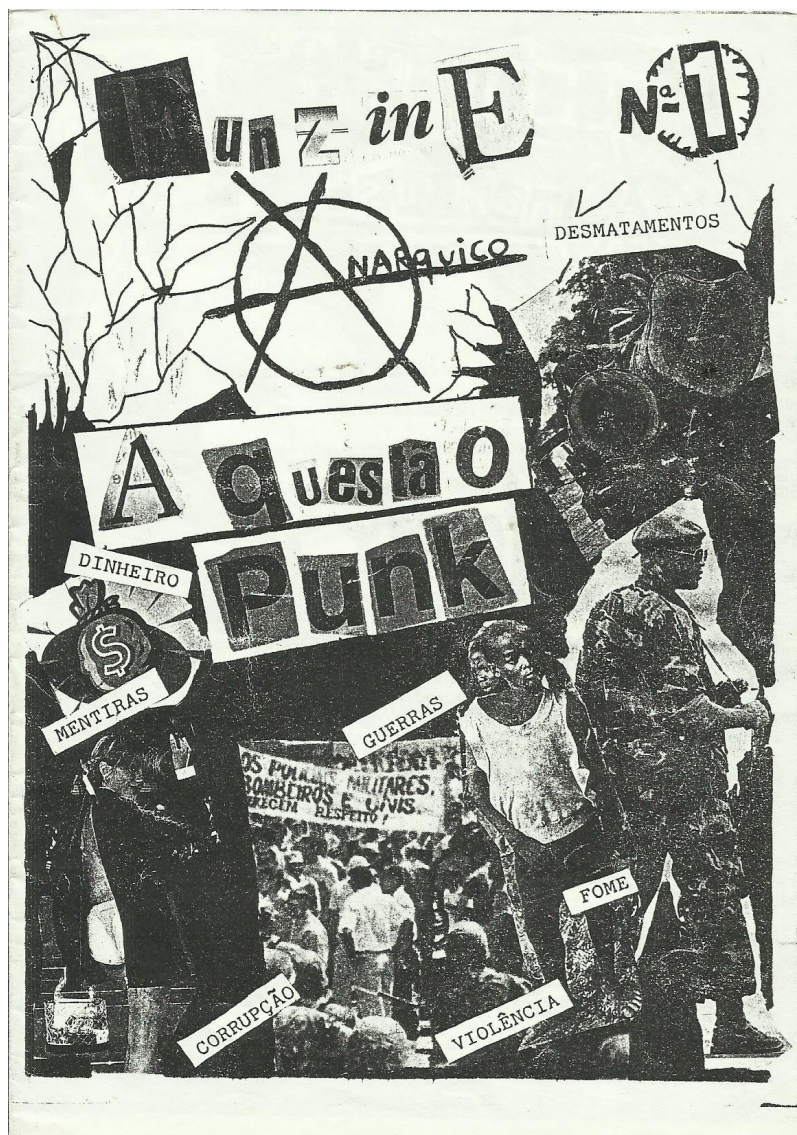
Abstract

The aims of this article is to discuss and examine fanzines writing, considering it as an important element in the formation of punks subjectivities and sensitivities and as a critical practice of the contemporary system of subjectivities production. Statement made by a constant problematic of punk conduct, thoughts and meanings. Start up this way, a culture of caring for themselves, the constant criticism about himself through writing. This turns against the classic model of militant engaged, but also against the ways in forms of speech exercise, in modernity, a certain kind of power that, when you intend to tell the truth about things, exclude the possibility that occur written in a different way.

Key words: punk; written; subjectivities.



* **EVERTON DE OLIVEIRA MORAES** é Doutorando em História na Universidade Federal do Paraná. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.



Introdução

Algumas poucas folhas “xerocadas” com alguns textos curtos, poesias e frases soltas, normalmente intercaladas com imagens as mais diversas recortadas de jornais e revistas, datilografadas, digitadas ou até mesmo escritas à mão. Assim são os *fanzines punk* (fan + magazine), ou simplesmente *zines*, uma experiência de escrita e de criação de imagens, nos quais está em jogo agir politicamente, debater ideias, produzir críticas, denunciar os efeitos “nefastos” dos modos de vida capitalistas no cotidiano urbano, sem qualquer desejo de neutralidade. Geralmente são pequenos

informativos feitos artesanalmente e depois fotocopiados em algumas centenas de cópias que são distribuídas ou vendidas entre os amigos, através de correspondências ou em algumas lojas, geralmente vinculadas ao *punk rock*, sem fins lucrativos (MAGALHÃES, 2003; O’HARA, 2005, p. 66). A circulação geralmente se restringe a pessoas ligadas, em maior ou menor grau, ao *punk* (MORAES, 2010, p. 66).

Os textos dos *fanzines* se apresentam, no mais das vezes, como críticas aos modos de vida capitalista ou às formas de poder no cotidiano. Mas eles parecem constituir também, para aqueles que os compõem, uma

experiência problematizadora de si. Trata-se de problematizar constantemente as próprias experiências políticas, de questionar esse ou aquele tipo de atuação política, de se perguntar pelo melhor meio de resistir na atualidade, de repensar algumas atitudes e condutas, refletir sobre o que é ser *punk* e o que se está fazendo de si mesmo. (MORAES, 2010, p. 66-67) O objetivo deste artigo é analisar como essa escrita borra as fronteiras entre a experiência de si e a política.

1. A escrita de si nos fanzines punks

É possível pensar a escrita do fanzine como o que Foucault chamou de “escrita de si” (FOUCAULT, 2006, p. 144-162), ou seja, uma escrita que revela para outrem algo de si mesmo e constitui, tanto para quem escreve quanto para quem lê, uma técnica modificadora de si. Essa revelação de si não deve ser compreendida como revelação do perfil psicológico de um indivíduo, de um “eu” verdadeiro, mas como uma forma de escrever sobre suas atitudes e condutas, sobre os modos de pensar e sobre si mesmo na relação com os outros, para com isso oferecer uma matéria de reflexão para o outro que lê, assim como para, através do processo de escrita, pensar a si mesmo.

Está em jogo uma experiência de si que afasta o sujeito do moralismo e lhe permite criticar os códigos sociais. Configura-se como uma forma de subjetivação, pois é justamente o modo através do qual os indivíduos aderem, de maneira mais ou menos voluntária, e segundo critérios de estilo bem específicos, a uma moral ou a um código, ou o modo pelo qual ele procura se afastar deles. O que está em jogo aí é a ética e o estilo, o que torna a subjetivação irreduzível às formas de

dominação. Trata-se da constituição de um *ethos*, uma forma de vida ética e estética.

Não se trata então, nos fanzines (na maior parte dos casos), de apresentar uma determinada visão de mundo ou modo de vida *punk* como mais crítica ou mais consciente, nem de tentar impor a outrem uma série de valores, mas de propiciar uma reflexão, um questionamento dos valores e das condutas individuais que se praticam no interior do *punk*. Tanto que na maioria dos textos estão presentes advertências ao leitor, geralmente na forma de um parágrafo introdutório, ou no editorial do fanzine, quanto ao estatuto do texto que está lendo; a vontade de verdade é rechaçada para dar lugar a uma busca da verdade que é uma transformação da verdade em *ethos*:

Quantas vezes não tentamos impor nossa vontade nos outros? Quantas vezes não achamos que somos os donos da verdade? Bem, eu não sou, duvide daqueles que dizem ser, e que professam crenças como verdades incontestáveis. O que eu escrevo neste zine não precisa ser a sua verdade; o que eu escrevo são apenas minhas opiniões, são coisas que eu sinto, coisas nas quais eu acredito. Você não precisa acreditar nelas. Você não precisa nem ao menos gostar delas. Apenas pare e pense, quem sabe tenha até algo com o qual você concorde. (APOCALIPSE WOW n. 1, 1997)

Essas advertências servem como forma de rechaçar a vontade de poder presente na linguagem e fazer com que o texto deixe de lado a pretensão de uma verdade universal para fazer dele uma provocação, um incômodo, uma incitação ao pensamento. O sujeito que profere o discurso relativiza seu ponto de vista e, com ele, seu estatuto de sujeito de enunciado, o qual o ocidente

atribuiu o papel de ponto de origem do discurso e do saber que este implica. Não se trata de um sujeito totalmente seguro do que fala e do que é, que teria apenas o trabalho de colocar em palavras o que pensava antes do ato da escrita, mas de um sujeito que não se sabe bem ao certo quem é, e que faz do exercício da escrita uma forma de pensamento e não apenas uma forma de expressão de um pensamento já dado.

Ao fazer de si mesmo um sujeito inseguro sobre quem é e sobre o que fala, o escritor do fanzine provoca no leitor um questionamento sobre o seu estatuto, dado pela tradição do pensamento ocidental e pelo senso comum, de receptor passivo de um saber ou de uma opinião. E o leitor deve se tornar ativo não apenas interpretando e ressignificando o texto, mas tomando ele mesmo a palavra e se pondo a escrever. Não é difícil encontrar nos fanzines essa incitação a entrar nesse jogo da escrita *punk*: “Não somos só nós que devemos falar: escreva-nos e diga tudo o que você bem entender. O que você concorda ou discorda, acha ou não acha; mande seus textos, desenhos, poesias, fotos, o que quiser... Não fique parado!” (APOCALIPSE WOW n. 1, 1997).

A escrita dos fanzines é, então, uma escrita sempre inconclusa, que deve se desdobrar em outra que será sua continuação ou sua negação, mas da qual a figura do Autor, do ponto de origem do texto, de onde derivariam todas as suas significações possíveis, deveria estar sempre ausente. Lá onde o sujeito do enunciado deveria estar absolutamente seguro do que diz, a escrita *punk* reluta em entrar na ordem do discurso, afirmando-se parcial, provisória e inconclusa.

Nessa escrita aberta ou, como diria Pedro de Souza, “escritura em abismo”

(SOUZA, 2006, p. 207), aquele que escreve mostra-se se subjetivando no momento mesmo da escrita. Quando um sujeito incita outro a não ficar parado, convida este para entrar em uma rede discursiva que agencia a construção dos modos de ser *punk*, e se abre para um processo coletivo de subjetivação, de construção de si. Isto equivale a dizer que o indivíduo que escreve nega sua posição de sujeito preexistente à escrita, ou seja, ele se nega a assumir o lugar de sujeito soberano, que o faria capaz de atribuir um sentido último ao que escreve, para ser aquele cuja escrita faz com que o leitor coloque em questão sua própria identidade; esse processo faz do “ser *punk*” uma construção sempre inacabada, um projeto aberto. Ele se coloca fora de si mesmo para então problematizar sua posição na ordem do discurso: incerto sobre o que diz, expressando-se através de uma escrita sempre inconclusa, o sujeito do enunciado deixa de se pretender soberano, para “confessar-se perdido no lugar em que deveria estar absolutamente seguro de seu dizer” (SOUZA, 2006, p. 206). Assim, na escrita, ele se mostra em um processo de construção de si mesmo, desejando e solicitando a interferência dos outros nesse processo.

Essa provocação ao leitor é realizada, também, através da construção de um texto perpassado por exclamações, termos que conotam angústia, dor e ódio, sentimentos dos quais se extrai a força para agir. Escrevem como se estivessem cuspiendo palavras no rosto do leitor: “Faça do *punk* uma ameaça real” (VIDA SIMPLES n. 2, 2000), “Temos que mudar essa podridão” (BLASFÊMIA n. 4, 1999). Escrita *intensiva*, que faz um uso subversivo da linguagem dominante, fazendo tendê-la para o seu limite, tornando-a estrangeira em sua própria língua (DELEUZE &

GUATTARI, 1977, p. 35). Esse texto mina o mito da linguagem meramente informativa para mostrar as relações de poder que a atravessam, as ordens que transmite secretamente, ao mesmo tempo em que desfaz o texto como tomada do poder, para torná-lo provocação, incômodo, um convite ao desassossego. E isso não apenas através do texto escrito, afinal as imagens sobrepostas, as colagens, os desenhos, materiais tirados de revistas e jornais que estão presentes nos fanzines não apenas ilustram o texto, mas constituem um outro texto, que complementa e dialoga com o escrito, aumentando a eficácia e, portanto, o incômodo provocado pela escrita (FONSECA, 2004, p. 47-58). Essas imagens incitam o leitor ao desassossego, à inquietação do pensamento, porque não o deixam descansar, repousar sobre uma certeza. São imagens que procuram problematizar a modernidade, mostrando fragmentos dela que nem sempre são apresentados pelos meios de comunicação de massa. Fragmentos de uma memória que, muitas vezes, se pretendeu apagar. Outras que são tiradas de grandes revistas de informação ou de moda, descontextualizadas e reapropriadas pelo discurso *punk*, tendo seu significado subvertido e invertido.

2. Ódio e invenção política de si

A reflexão sobre os modos de ser *punk*, sobre quais são as melhores formas de proceder para atingir um determinado fim, sobre as formas não autoritárias de sociabilidade são uma constante nos fanzines. E essas reflexões funcionam como forma de problematizar constantemente o próprio modo de vida, de modo a traçar linhas de fuga nas malhas de um poder molecular que funciona capturando tudo aquilo que se torna estático. Longe de devaneios

revolucionários e de utopias fundadas em uma dialética, o que aparece com o *punk*, então, é uma consciência das limitações do sujeito, mas que, ao invés de suscitar uma imobilidade, tenta provocar abalos locais nas estruturas cotidianas de dominação, minar as relações de poder lá onde elas parecem ser mais insignificantes e onde funcionam como sustentação para a dominação política. O modelo clássico do militante de esquerda, encarnado na figura do “militante *punk/hardcore*”, orgulhoso por continuar “sobrevivendo no inferno”, acreditando ser um “super-herói da resistência”, é reiteradamente criticado:

Como eu odeio os tipos “heróicos”! [...] simplesmente odeio aquelas pessoas que se gabam ou se vangloriam ou falam como se tivessem a verdade absoluta nas mãos. [...] Pessoas que tentam fazer como se o espírito do *hardcore* fosse algum superpoder que mudará o mundo um dia. (APOCALIPSE WOW n. 4, 1998)

A crítica se dirige, desse modo, à atualidade do *punk*, ao que acontece no presente. O principal motivo dessa crítica àqueles que acreditam serem “revolucionários”, aos “tipos heroicos” que se preocupam exclusivamente com o mundo futuro, é o seu abandono do presente e das questões urgentes que o cotidiano impõe, do que Deleuze chamaria de “devir revolucionário das pessoas” (DELEUZE, 1992, p. 211); ou seja, a capacidade que os sujeitos têm de transformarem a si mesmos, suas relações e seu meio mais próximo através do investimento em novas formas de sociabilidade e convivência. Essas pessoas acabariam, então, reproduzindo as atitudes autoritárias que criticam e fechando o *punk* a tudo que viesse de fora, mas também deixando sua atitude ser capturada pela rede de

um poder que atua massificando e adestrando o que se pretende subversivo. Caberia, então, ao *punk* “atacar os tabus e dogmas do pensamento humano vigente, a cultura de massa e o ato ‘revolucionário’ adestrado”, fazendo com que a atitude de “pensar nunca fique só nisso, que se traduza na ação direta dentro do cotidiano” (BLASFÊMIA n. 4, 1999).

O fato de se falar em um “ato revolucionário adestrado” é significativo, pois revela a consciência que os *punks* possuem do modo como se dão as novas estratégias de dominação: a atitude “revolucionária” passa a ser vista também como mais uma forma padronizada de comportamento, já incapaz de provocar a transformação urgente que é reivindicada pelo *punk*. Essa atitude teria sido capturada pela mídia, estereotipada, esvaziada de sua potência de transformação da realidade e, finalmente, vendida como um produto inofensivo à ordem vigente. A própria transformação da sociedade capitalista, que faz da revolução e da transformação, ainda que dentro de seus limites, seu paradigma, torna vazia a ideia de uma revolução como marco de uma nova era. A atitude *punk* implica um comportamento ético. Para além de um posicionamento político inspirado pelo anarquismo, seria preciso viver no cotidiano a filosofia não autoritária do anarquismo, a anarquia como modo de vida. Assim, é o próprio devir que passa a ser problematizado por essa escrita; é preciso mudar as coisas no presente, mudar o cotidiano e os próprios modos de ser e valores “impostos” pelo capitalismo antes de “mudar o mundo”, de “fazer a revolução”.

A revolta seria, portanto, o operador ético da transformação de si e da atualidade. Com efeito, pode-se dizer

que a revolta, motivada pelo sentimento de ódio, foi para o *punk*, desde o início da década de 1980, uma constante. “Destruir o sistema, destruir a religião”. A transformação social e subjetiva desejada sempre aparece sob o signo da destruição, do desfecho final da ordem vigente, dos valores estabelecidos. Porém, tudo leva a crer que essa destruição reivindicada é apenas um recurso retórico, ou antes, uma energia bruta que seria preciso domar. Para que se torne produtiva, a energia desse ódio não deveria ser apenas destrutiva, rancorosa e caótica, ela deveria ser submetida e contida dentro de uma forma para que se pudesse chegar aos resultados desejados. As energias precisariam se transformar em “algo além de ódio para nós mesmos e nossas ações. Algo além de alguém sentado na cama chorando a noite [...]. Da raiva, da frustração e do ódio deve surgir algo de bom [...] algo construtivo, algo que mude” (APOCALIPSE WOW n. 4, 1998).

Se a energia do ódio e da revolta sozinhos levam à destruição nihilista ou à autopiedade; se, como diz Michel Onfray, a violência aparece no momento em que a energia transborda e se resolve na destruição e no negativo, é preciso que a energia desses sentimentos seja, então, domada e contida dentro de uma forma para que então se transforme em algo construtivo, ou seja, uma subjetividade liberada das diversas sujeições que a coagem do exterior e de dentro (ONFRAY, 1995, p. 32-33). Do exterior pela crueldade do “sistema”, pela alienação imposta por ele, seus mecanismos de controle social, suas estratégias que tentam fazer da vida objeto de uma dominação cada vez mais totalizadora, pois atuam em todos os lugares e momentos da vida contemporânea (LAPOUJADE, 2002, p.

81-90). De dentro porque são sujeições que exigem dos indivíduos não apenas a sua dedicação total, mas também sua alma; isso na medida em que sujeitam sua potência a uma organização padronizada, fazendo com que subjetivem formas de vida previamente codificadas. Submeter essa força é, portanto, uma maneira de se antecipar aos assujeitamentos e escapar a essas sujeições que o atingem, de resistir a elas, de encontrar saídas lá onde o poder pretende-se impermeável. E para tanto é necessário realizar esse trabalho de domínio de si mesmo:

O desafio não é apenas resistir às formas de dominação que todos sabemos ser mutantes, mas sim criar novas formas para a nossa existência. [...] pensar nisto realmente como uma alternativa à lógica capitalista e aos instrumentos de dominação, na busca de uma existência libertária. (VIDA SIMPLES n. 2, 2000)

A existência libertária, desse modo, não surgiria apenas da negação da lógica capitalista e da sua dominação. É preciso encontrar saídas criativas, traçar linhas de fuga, fazer uma crítica da vida cotidiana para perceber os gestos autoritários lá onde eles parecem ser mais insignificantes e onde, paradoxalmente, são mais perversos, para então inventar uma outra existência.

Considerações finais

O *punk*, portanto, redimensiona a concepção tradicional de resistência, rejeitando a separação entre a ética e as formas de atuação e intervenção concretas, entre a vida cotidiana e a militância organizada. O *punk/hardcore* é visto por aqueles que com ele se identificam, como uma ferramenta para a transformação dos sujeitos, um

território existencial a partir do qual é possível inventar uma “existência libertária”, distinta das fórmulas prontas vendidas pela mídia. Sendo assim, seria preciso transformar a si mesmo através de um cuidado de si, uma reflexão e um exercício de liberdade, visando uma transformação de seu próprio modo de vida e de suas relações com os outros. Contudo, a incitação a preocupar-se consigo mesmo, a cuidar de si, feita pelo *punk*, não se confunde com o cuidado de si narcisista que a ética capitalista incita (a busca constante pela autenticidade e pela novidade existencial através do consumo), pois nele o fim último não é o fechamento do indivíduo sobre si, mas seu desprendimento, sua abertura para o fora, à história maior que se agita nesse caso individual. Quando falam de si mesmos, os *punks* falam não de uma psicologia, mas do limite que separa o caso individual do caso político, fazendo ver à colonização da vida, em seus aspectos mais cotidianos e individuais, pela política do poder. Nos relatos de experiências de convívio, nas reflexões banais sobre a falta de tempo e sobre o trabalho, uma análise cuidadosa poderia ver a problematização das formas de sociabilidade, das relações com o tempo e com o espaço que norteiam os modos de vida contemporâneos. Todo caso individual relatado, portanto, possui uma ramificação política não apenas no que diz respeito ao conteúdo do texto, mas também no que se refere à sua própria existência enquanto narrativa de uma violência insuportável, pois pretende tomar de assalto a própria vida.

É nesse cruzamento entre o cuidado de si e a relação com os outros, entre a energia do ódio e a sua conversão em diversos tipos de resistência criativa que o *punk* caracteriza-se como arte de

existência, pois pressupõe uma estilização da vida que a torna mais potente para resistir e encontrar saídas para colonização da vida levada a cabo por uma série de dispositivos biopolíticos.

Repensar constantemente as condutas, ideias e os próprios modos de ser, deslocar sempre as identidades a fim de liberar-se de qualquer resquício de autoritarismo. Essa é uma preocupação recorrente no *punk*, talvez o seu traço mais característico, sua receita para escapar a esse poder. Daí a diversidade de estilos que esse nome abarca e daí as constantes transformações por que passa para não ser capturado por mecanismos de poder em uma “sociedade do espetáculo” que funciona não somente através da repressão, mas também por captura dos fluxos desviantes e pela incessante neutralização das formas de resistência.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. & GUATTARI, Felix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FONSECA, Márcio Alves da Fonseca. Do incômodo das imagens à inquietação do pensamento. **Verve**. São Paulo, n. 6, p. 47-58, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & escritos**. v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. In LINS, Daniel Lins; GADELHA, Sílvio (Orgs.). In: **Nietzsche e Deleuze**: O que pode o corpo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

MAGALHÃES, Henrique. **O rebuliço apaixonante dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

MORAES, Everton de Oliveira. A escrita como guerra: ética e subjetivação nos fanzines *punk*. In: MUNIZ, Rodrigues Cellina. (Org.). **Fanzines**: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: UFC, 2010. p. 66-80.

O'HARA, Craig. **A Filosofia do Punk**: Mais que barulho, São Paulo: Radical Livros, 2005.

ONFRAY, Michel. **A escultura de si**: a moral estética. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

SOUZA, Pedro. O sujeito fora de si: movimentos híbridos de subjetivação na escrita foucaultiana. In REGO, Margareth; VEIGANETO, Alfredo (orgs.). **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autentica. 2006. p. 205-214.

Fontes

FANZINE APOCALIPSE WOW. Curitiba, n. 1, 1997.

FANZINE APOCALIPSE WOW. Curitiba, n. 4, 1998.

FANZINE BLASFÊMIA. Curitiba, n. 4, 1999.

FANZINE VIDA SIMPLES. Curitiba, n. 2, 2000.

Recebido em 2014-08-04
Publicado em 2014-11-07